ANO II — Lisboa—Sabado, 27 de Julho de 1918 — N.º 426

Pola:ce:e pola:gre

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: — «MONARQUIA» — LISBOA

Director
Conde de Monsaraz

Redactor principal
Antonio Sardinha

Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada

Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 60

Impressão — Rua do Gremio, 134

Editor — João A. Santos

Telefone: C. 1038

DIREITOS EM OURO

Pelo decreto de 18 de abril passado conseguiu-se finalmente introduzir entre nós o pagamento em oiro dos direitos aduaneiros.

Nem os intuitos nem os meios de semelhante medida constituem novidade, pois quatro vezes já se tentára estabelecê-la, a ultima das quais foi ainda em 1912, sendo ministro das finanças o sr. dr. Sinel Paes.

Tamanhos protestos, porém, se levantaram sempre que qualquer governo tentou dar-lhe execução, que nunca, até agora, lográra tal providencia passar de simples proposta; e será de justiça reconhecer que para isso não contribuiram pouco as representações que então elaboraram proficientemente as associações comerciais do Norte do país.

Desta vez, tão importante documento publicou-se e entrou em execução por entre a indiferença geral do comercio, e, se exceptuarmos o artigo que publicou o «Comercio do Porto», que nos conste, nenhuma voz se ergueu a protestar contra medida tão inoportuna e decretada com tal precipitação.

Neste momento, em que o encarecimento da vida atinge proporções absurdas, em que o comercio luta com graves dificuldades e tantas das nossas industrias se encontram quasi paralisadas pela impossibilidade de importar materias primas; numa ocasião em que a pauta aduaneira portuguesa — já de si a mais elevada da Europa — soffreu uma elevação aproximada de mais 50 por cento em trafego, emolumentos, selos e sobretaxa nos artigos de luxo, temos que concordar que é realmente insensato sobrecarregá-la ainda mais com cêrca de 40 por cento, que é quanto representa a percentagem do pagamento dos direitos em oiro.

De tão elevados, resultam quasi proibitivos hoje os direitos da nossa pauta aduaneira; e desta fórma, sofre o comercio, prejudica-se o consumidor, e o proprio Estado vê cercadas as suas receitas, pois com semelhante elevação, o movimento alfandegario que a guerra já afectera bastante, se encontra agora mais reduzido ainda.

Consulte-se qualquer despachante das Alfandegas, e ele dirá como a sua vida está quasi paralisada.

Mas voltemos ao decreto.

O fim que sempre se disse haver em vista com as propostas do pagamento dos direitos pautaes em oiro, é o de dominar a crise do agio, pretendendo-se evitar a especulação cambial que se diz que provocam as compras periodicas do governo no mercado.

E' facil afirmar que a causa da especulação cambial que motiva o agio do oiro é a concorrencia do Tesouro ao mercado.

Mas ninguem conseguiu ainda explicar satisfatoriamente, como pode a simples substituição dessa concorrencia pela dos comerciantes, — impedir o jogo da bolsa.

Deixando as compras de ser feitas por determinadas quantias e em epocas fixas para se passarem a fazer por quantias indeterminadas e tumultuariamente, afigura-se até que facilita a introducção no mercado de maiores elementos de agitação e incerteza, que são as condições essenciaes de toda a especulação cambial.

Admitindo pois, a hipotese de ser o premio do oiro motivado pela especulação do agio, o pagamento em oiro dos direitos, obrigando o comercio a ir á praça compra-lo, só agrava esse agio, ao contrario do que se pretende conseguir; a simples substituição do comprador não poderá influir para melhor na flutuação do cambio, pois é preciso não esquecer que, á inversa do que já se tem ousado afirmar, os compromissos do Comercio teem um caracter tão imperioso como o das proprias necessidades do Estado.

E se assim não fosse, que seria do credito de que o comercio portuguez gosa nas praças do estrangeiro, credito que ao proprio Estado tem servido tanta vez em circunstancias difíceis do Tesouro?

Mas convem agora acentuar com o testemunho das maiores competencias financeiras que não é com artificios taes que se combate em parte alguma a crise do agio.

O agio do ouro é o reflexo da situação economica e financeira do país, e entre nós, quem queira corrigir a sua excessiva elevação, deverá começar por dirigir as suas atenções para o estado angustioso da economia nacional, de que o sr. Anselmo de Andrade nos traça um quadro completo no seu «Portugal Economico».

O pagamento dos direitos em ouro, em parte ou na totalidade, não é terapeutica que só por si resolva problema tão vasto e complexo.

Só decretado com outras medidas de positiva utilidade, como seja por exemplo a da redução da circulação fiduciaria, poderia ser de certo modo defensavel a sua execução.

E' essa uma medida que se vem impondo ha muito para corrigir um mal que os governos da republica só teem sabido agravar, ao ponto da circulação fiduciaria que em 1910 era de 72.000 contos, estar hoje em 212.000 e sem que essa verba tenha a garanti-la uma reserva metalica proporcional.

O decreto de 18 de Abril estabelece ainda que o pagamento dos direitos em ouro seja realizado por meio de guias-ouro emitidas pelo Banco de Portugal e pelos bancos e banqueiros que o governo autorizar por decreto.

Ora tal processo ainda mais avoluma os defeitos do regimen de circulação exagerada em que vivemos, pois as guias-ouro não são mais do que um papel que se lança na circulação, com todos os seus inconvenientes.

Feito deste modo o pagamento em oiro dos direitos, menos se compreende como pretenda o governo com tal medida, e independentemente de qualquer plano financeiro, regular a situação cambial.

Com efeito, ou o governo ou os banqueiros terão que vir da mesma fórma ao mercado trocar por oiro o papel recebido, pouco diferindo a situação daquela em que se vivia anteriormente.

Toda a diferença consiste em passar a ser paga, em parte, pelo comercio, a verba que no orçamento do Estado era devorada pelo premio do oiro.

Desse encargo nada indemnizará o comercio; a melhoria cambial não se fará sentir, e a que se verificou levemente, nem foi devida ás virtudes da providencia salvadora, nem se manteve, confirmando assim a experiencia as previsões economicas que se haviam feito.

Muito reduzido já o nosso comercio de importação, como ficou dito, mais o veiu reduzir a execução do decreto dos direitos em oiro, precisamente quando uma pesada sobretaxa vinha tributar todos os artigos considerados de luxo. Daí a procura do oiro pelo comercio ser menor do que antes o era, e cada vez se ha de acentuar mais essa diminuição.

Póde muito bem este facto não ser estranho á momentanea melhoria cambial que se deu, e que se antecipou quasi á execução do decreto.

E' legitimo que o Estado envide todos os esforços para eliminar das suas despezas orçamentaes a do premio do oiro que compra para satisfazer os seus compromissos no estrangeiro.

Com esse intuito se estabeleceu que a Junta do Credito Publico adquirisse semanalmente e em pequenos lótes, as cambiaes necessarias para fazer face aos encargos da divida externa; processo este de que tão bons resultados se colheram.

Com o mesmo fim se decretou tambem que o pagamento aos portadores do coupon da divida externa se efectuasse em moeda corrente.

Mas deixa de ser legitimo que o Estado o faça de fórma a crear um novo tributo, que outra coisa não é, em ultima analise, o pagamento em oiro dos direitos aduaneiros.

Pretendemos demonstrar pela exposição feita que a lei que introduziu na nossa legislação aduaneira o pagamento dos direitos em oiro, não atingindo o seu objectivo como medida de caracter economico, não representa mais do que um mero expediente de ordem fiscal, vem-se onerar o comercio e o contribuinte com mais um imposto que ao Estado não aproveita em proporção com o sacrificio que impõe, e que, nas circunstancias em que foi decretado, possivelmente se tornará um dia em prejuizo.

Fernando Campos

Os processos d'eles...

Toda a gente conhece a indignação com que foi recebida pelos monarquicos a noticia do barbaro assalto seguido de incendio, feito á *Montanha* do Porto. Toda a gente conhece as indignadas expressões com que esse facto foi comentado, tanto na imprensa monarquica como pela voz dos seus representantes no parlamento.

A *justiça popular* não faz parte do nosso programa; de contrario, seriamos tão dignos como os jornalistas republicanos que aplaudiam ás mãos ambas a destruição dos jornaes monarquicos—sem se lembrarem de que tudo se paga neste mundo...

Mas a vibora jacobina nada respeita; nenhuma consideração lhe merece a Virtude. E vá d'insinuar que os assaltantes destruiram todas as colecções excepto a da *Patria* e a da *Liberdade*!

Ora a *Patria* foi um dos primeiros jornaes—se não o primeiro—que verberou indignadamente uma tal selvageria.

E' assim que os demagogos agradecem a quem não pensa como eles...

Observe-se... e compare-se..

Coincidencia?...

Ao mesmo tempo que a multidão assaltava e incendiava numa exaltação criminosa *A Montanha* do Porto, a mão myterliosa do destino lançava o fogo á *Brazileira*, esse café sinistro onde tantos crimes se premeditaram e tantos crimes se combinaram friamente. Que singular coincidencia?

No Porto a mão fragil dos homens destruiu uma trincheira da Demagogia. Em Lisboa, a mão potente do Destino enchen de labaredas o seu colo!

Decedidamente, a sorte não os acompanha actualmente...

José do Vale, monarquico?

O sr. José do Vale, a proposito do admiravel esforço do exercito francês na sua recente contra-ofensiva, escreveu estas palavras enigmaticas:

> Mas a Alemanha não venceu nem vencerá, desde a primeira hora o afirmámos. E mesmo que tal sucedesse, antes que ela pudesse dar ordens em Portugal havia muitos peitos portugueses para defender a obra de oito seculos de historia.

A obra de oito seculos de historia, é a obra de muitos reis, é a obra da monarquia, é a obra da religião catolica.

Estará finalmente o sr. José do Vale desiludido da mistica republicana, da oratoria vã dos romanticos como o Mayer Garção?

Submeter-se-ha o sr. José do Vale ás lições eloquentes da tradição e á disciplina do regimen monarquico?

A grande conflagração

NOTAS DUM CRONISTA

Os comunicados de ambas as partes litigantes continuam a contradizer-se, pois que, emquanto os dos aliados afirmam uma continua progressão das tropas de ataque, o comunicado alemão persiste em afirmar que os seus agentes, agora na defensiva repelem sem cessar a investida dos contrarios.

E não é facil ajuizar por agora de que banda está a verdade, pois que ainda não vemos aparecer nos telegramas nenhum nome verdadeiramente importante, a não ser Chateau-Thierry, já solidamente nas mãos de Foch.



Em todo o caso a notar desde já que Jaulgonne, onde os alemães, na sua fracassada ofensiva, haviam lançado uma ponte sobre o Marne está em poder dos aliados e que, portanto estes, vindos de Condé e da Chapelle, puzeram pé na margem direita do rio.

As intenções de Foch estão claramente definidas: atacando simultaneamente entre o Ourcq e o Aisne, entre o Ourcq e o Marne e entre o Marne e Reims, e ameaçando as linhas de retirada de Ludendorff para Soissons, força-lo a evacuar todas as zonas entre o Aisne e o Marne—quer dizer a voltar á situação anterior á ofensiva de 27 de maio, tornando inutil todo o trabalho e todos os sacrificios dele provenientes.

E para impedir que da Flandres e da região de Montdidier possam ocorrer reservas frescas, tambem para esses lados os inglezes e os francezes atacam, especialmente na região de Albert-Montdidier, com exito maior ou menor.

Mas onde está posto sem duvida todo o interesse da partida é na região de Soissons-Reims.

Vê-se que são grandes os esforços das tropas de Maugin em atingir nas alturas de Oulchy-le-Chatea a estrada de Chateau-Thierry-Soissons, que até á ocasião em que escrevemos ainda não cahiu nas mãos aliadas, muito embora d'ela já estejam proximos especialmente em Oulchy-la-Ville.

Bom é notar que, no caso desta via de comunicação ter ficado em poder de Foch, ainda ao seu adversario resta a de la Fère-en-Tardenois e que por consequencia será a posse desta ultima povoação o que na realidade poria os alemães em má postura e os obrigaria a uma rapida evacuação da zona entre o Marne e o Aisne.

E' portanto de prever que para cobrir as duas já citadas entradas a defeza germanica seja tenassisima a que se firam duros e ardorosos combates.

Duma banda ha o grande interesse em fazer desaparecer o saliente de Soissons-Chateau-Thierry-Reims. Do outro o empenho de não acrescer ao «chêque» moral e material de uma ofensiva fracassada a necessidade de evacuar terreno, mostrando que se perdeu definitivamente as esperanças na ofensiva.

E hoje nada mais ha a dizer.

25-VII-918.

Saturio Pires.

A proposito de nada

Um caso

Uma debil clarida e de luar sobre esta fiada de casas adormecidas... umas farripas de nuvens alvacentas velando algumas estrelas... um azul muito diluido... uma ou outra parelha trotando fadigas, erguendo um vago eco, ali naquelas ruas... as arvores paradas, num sismar de lenda... a sombra de toda a avenida cortada de longe em longe pelo clarão daigama loja ainda aberta... um cão que ladra aqui perto... Não sei... Ha melancolia, ha saudade, ha romentismo misto...

Apetece esquecer a guerra, a falta de generos, a politica, a literatura, e — falar de mulheres, contar um caso, num velho ritmo do tempo de Musset.

Lamento não saber, para vos contar um episodio que me lembra — um episodio banal da eterna historia...

Bonita? não sei. Uma cabeça crespa num vulto esguio, um sorriso misterioso.

Morava no 3.º andar dum predio côr de cinza num bairro novo, um quasi nada suspeito.

Falei-lhe a primeira vez numa casa de chá.

Serviu de pretexto um leque que deixou cair. Era um leque curioso. Creio que ainda ao *leque* do Alberto de Oliveira — saimos juntos.

Reparei então que no sorriso dela, no comprimento das suas mãos, na côr variavel dos olhos e no sinal carnudo que tinha numa das palpebras...

Foi nessa altura que a mãe teve necessidade de ir escolher luvas — e nós ficamos sós, conversando, á porta do estabelecimento.

Esqueci-a. Tornei-a pagina. E abandonei-me todo ao encanto das palavras apaixonadas que dizia, fixando o olho vesgo e a chapa amarela do bonet dum aguilheiro dos electricos.

— E se se enganar?...

— E se o céu cahe?...

A mamã voltou, sem ter encontrado luvas que lhe servissem.

Quando cheguei a casa, esperava-me uma pagina abandonada ha uns dias, com umas rasuras no alto e o resto branco, um pouco já suja das moscas. O meu sapateiro tinha mandado a conta. A tarde caía sobre os bairros distantes, em extensos laivos côr de fogo. Um canteleiro, perto da minha janela, gritava a sorte grande. E a minha poltrona, conhecedora da vida, comprada ha muito numa casa de prégo, oferecida á dona da pensão por um dos que lhe puzera casa, considerava-me com uma benevolencia sarcastica, mostrando entranhas de clina através dos rasgões.

E' possivel que tudo isto influisse em mim. Senti-me cançado, desbontente. Puz-me a pensar nela — e reconheci com grande espanto que tudo o que lhe dissera fazia com que ela não aparecesse nitida na minha memoria, e com que a minha lembrança quasi se não lembrasse dela. O som das minhas palavras haviam-na encoberto, tinham sido um nevoeiro erguido entre nós dois...

A minha ternura ia para o nevoeiro; mas lastimava que ela não tivesse relêvo bastante para me aparecer mesmo através dele.

E, quando me chamaram para o jantar, fechando a porta do quarto, resolvi que aquilo não daria nada.

Ao outro dia de manhã, logo que acordei, vi sobre a mesa de cabeceira um carta dela. Umas quatro linhas sem assinatura: que aceitava. No primeiro instante tive um sorriso de contentamento, que me estragou todo o dia. E, depois do almoço, escrevi-lhe em largas folhas de papel sem linhas, frases sonhadoras como lagos, carinhos, penumbras, visões de longes — que deviam ser só para mim.

Na tarde desse mesmo dia, quando eu passei, chamou-me. Subi. Tinha um robe lilaz. Sacudia-a uma alegria que me parecia serena e ao mesmo tempo nervosa. Deixou beijar as mãos — e entregou-me outra carta.

Era assinada, enorme, cheia de palavras...

Eu tinha-a animado a mostrar-se ser aquilo que não era. Enfureci-me. Desprezei-a. Quiz beijal-a, e dizer-lhe brutalmente que mentia.

Não sei toda a noite. Tive febre — e no fundo do meu ser (sempre o fundo no nosso ser...) havia perdões comovidos, uma bondade toda feita de raciocinios e comprensões precisas?... — a magua dela se não erguer a altura do interesse que eu queria ter por ela — um morno desejo de me abandonar, ser acarinhado, acarinhal-a mesma nas suas encarnações...

«Porque não aceita-la assim mesmo?» E deitei-me extenuado.

Passaram mezes. Viamo-nos todos os dias; falavamos horas e horas; conversas feitas de frases, entremeadas de carinhos, combinadas, de vespera entre ela e a mamã.

Eu não pensava senão nela; no desgosto de falarmos tanto que nunca diziamos nada; e na imensa fadiga de toda a nossa vida correr só cheia do esforço que ambos nós fazíamos para não dizer a verdade, nem mentir.

Um dia partiu. Teve lagrimas em que havia o gosto de se comover. Eu sofri por ela não saber conseguir que eu a seguisse.

Na estação, despedimo-nos sorrindo, depois de nos termos dito muitas falsidades que, pensando bem, não chegavam a se-lo... «Até lá... Ainda me custa a crêr!...»

Regressei a casa atordoado: a alma bolando em lagrimas, uma tortura por o meu espirito me não dar direito de chorar por ela, o humilhante receio de que me esquecesse...

A begonia esguia que se cobrira de flores quando a conheci, apenas com uma ou outra folha ainda verde, pendia, começava a secar! Na gaveta das cartas havia flores murchas; uma fita de seda escarlate. Um bilhete perfumado cominava, prometia beijos...

A nossa intimidade ergueu-se nos meus sentidos, dominadora, ungida de saudade. Amei-a com amor e com odio. Senti-a longe. Desejei-a — e respirei livre do pesadelo da sua presença. Por toda a parte a vi, senti, abracei com ternura. E nesse mesmo dia resolvi romper, se ela me escrevesse logo que chegasse...

Séves d'Oliveira

Por convenincia de paginação publicamos na 2.ª pagina os extractos da Pastoral do sr. Bispo de Coimbra com o nome de «Evasão protestante».

E como lutamos com uma falta de espaço publicaremos na 2.ª feira a carta do sr. Bispo.

A questão do nacionalismo racico

III

O nosso «germanofilismo»

Antes de entrarmos propriamente na analise das teorias pseudo-scientificas que constituem o longo arrazoado do folheto inepto e burlesco que serve de tema á nossa critica, não queremos deixar de nos referir á calunia absurda e infame lançada sobre o nosso movimento, á acusação torpe de germanofilismo com que o padre quiz apontar-nos á perseguição odienta dos emprezarios da guerra.

Já por mais duma vez nos temos aqui referido a ataques venenosos do mesmo genero, e triunfantemente reduzido ao silencio o grasnar peçonhento da calunia. Porque seria muito dificil e já fora da moda fazer acreditar que nos enche os bolsos o *oiro alemão* de engraçada memoria, recorreu o auctor do *Nacionalismo racico* á denuncia das nossas supostas predilecções pelo germanismo, veio inexplorado que o divertido folhetinista dos seus *Cadernos* faz render, atravez das paginas da brochura de cordel de que vimos falando.

O que ha de verdade quanto ás inclinações do Integralismo pelo pensamento de Fichte já nós vimos. Pois bem: é sobre essa base falsa que se edifica tortuosamente o libelo incandescente e furioso da papeleta imunda. Era preciso provar que a nossa doutrina era uma doutrina germanica, que os nossos mestres eram os doutores do renascimento alemão, para se concluir ao final que desejavamos a victoria dos Imperios Centraes.

E tudo isto gira em redor de dois ou tres argumentos disparatados e tolos. O primeiro, o do misticismo etnico já nós vimos o que valia e já o dissecamos devidamente nas rapidas notas que ontem lhe consagrámos, e de que a composição e a revisão fizeram o mais abracadabrante dos *rébus*, em numerosas passagens, desrespeitando umas vezes o texto, outras as emendas das provas: um verdadeiro pavor!

O segundo argumento consiste numa transcrição deturpada dum artigo inserto na *Nação portuguesa* pelo nosso querido amigo, dr. Antonio Sardinha, artigo publicado de resto muito antes da nossa intervenção na guerra, quando analisado com consciencia e seriedade, ele revela apenas o desejo veemente do triunfo da Latinidade, sobre as utopias que perverteram o significado historico da sua missão, a disciplina intima do seu espirito, as virtudes politicas das nações em guerra com a Alemanha.

O terceiro argumento é o dos «insultos a Camões» que nós, autopsiámos já e que pretende fazer acreditar que representa um acto de anarquia intelectual, e uma folha de patriotismo, a critica da Renascença e do erro assombroso da nossa exagerada expansão, da insensata experiencia imperialista que nos arrastou ao desengano tremendo de Alcacer-Kibir, cruel mas eloquente demonstração que o passado oferece ao nosso positivismo historico. E o que vale tambem esta afirmação, já nós o documentamos ainda que ligeiramente, na dois dias, insistindo nas considerações hastas vezes reproduzidas que justificam o nosso ponto de vista. E constatemos esta cousa hilariante e compensadora: sempre que o auctor do panfleto pretende acusar a nossa teoria de anti-patriotica, ele consegue apenas confirmar o nosso nacionalismo exaltado.

Outra conclusão se não póde tirar dos factos apontados, e dos aspectos da doutrina que submetemos precedentemente a uma critica rigorosa e severa. A nossa visão do problema da Renascença baseia-se essencialmente na convicção de que esse movimento representou um desvio das nossas fontes historicas, sobrepondo com exagero a fria cultura humanista á emoção ingenua da gente portuguêsa. E o misticismo etnico que nos censuram tambem, não é mais de que o elogio consciente do valor primitivo da raça, realidade inicial que não podemos desprezar ou esquecer, dentro duma construção tradicionalista.

Mas havia ainda um quarto e ultimo argumento que o padre desdenhou talves por inutil e que nós lhe oferecemos desde já. E' que se não encontra na nossa prosa, três vezes em cada duas palavras, o adjectivo *boche* que faz as delicias do homem.

E não nos parece digna dum olvido tão completo uma razão deste pezo. Eu quero mesmo supor que o traductor de Maurras, não pensou ainda a serio no caso, e que ha-de emendar a mão, quando reconhecer que esta maneira esdruxula de designar os alemães é justamente a melhor arma da defeza dos Aliados, equivalente pelo menos a milhão e meio de japonezes importados pelo telegrafo, ou a uma mensagem do presidente Wilson. Depois dum discurso de Lloyd George, é na escala dos recursos belicos, o explosivo do que os exercitos alemães se arreceiam mais. Pobres *boches*!

O depoimento do Integralismo

Mais duma vez, mais de duas, mais de mil vezes, nós temos fixado neste jornal o que pensamos da guerra. Nós temos todos acentuado aqui, com a sinceridade do espirito moço, o interesse que nos merece a causa dos aliados...

Lá fóra, na terra franceza, muitos dos nossos se batem contra o imperialismo alemão, com o entusiasmo e a disciplina de quem cumpre um dever sagrado. Já encharcou pedaços de solo da Flandres o sangue dos nossos. Lá fôram feridos alguns dos mais dedicados oficiais integralistas. Lá ficou estendido, com o olhar vitreo ainda erguido para o céu, o alferes Alexandre Cabeças, esse rapaz cheio de mocidade e de fé, possuido inteiramente da miatisa do nosso morimento, e que para lá dorme o sono triunfal dos herois, sem ter para descançar alguns escassos palmos de terra, á sombra duma azinheira da boa patria alentejana.

E' a espada do soldado admiravel que se chama Anibal de Azevedo; é a valentia de Brandão e Melo; são as feridas honrosas de Luis de Portugal, regressado já ao seu posto, tudo a depôr pelo Integralismo nas grandes batalhas que se férem lá fóra, á face de Deus.

A esses amigos nossos nós devemos mais uma razão da nossa persistencia na luta, do nosso ardor na defeza das convicções do credo nacionalista. A bravura dos herois sagra o nosso movimento, e o sangue de quem caiu com a alma cheia de crença em nós, deu-nos um alento invulgar para a peleja dura que se travou neste país fragmentado em que o odio entrou com o crime inexpiavel da raça.

O nosso depoimento, o depoimento da nossa geração escrevem-no eles á ponta da espada, reabilitando o valor adormecido da gente portuguêsa, muito melhor do que o poderia fazer a pena de quem

A bomba e a Republica...

O impagavel «Torchon» da Rua de São Roque vem todo acodado protestar contra as energicas afirmações do sr. secretario do estado do interior referentes á extinção do *regimen da bomba*. E' natural e é logico. Foi a bomba o mais forte alicerce do «Torchon».

Não havia pois o sr. Vale das bombas de serradura de chorar indignado a afronta que tal proposito encerra ás suas convicções liberaes?...

A «*bomba*» é, depois do sr. Ferreira do Amaral, a mais *veneranda reliquia* da republica. Aniquila-la é destruir a Republica. E destruida a Republica... *ai dos vencidos*!

Casa de Orates...

E' duma grande verdade a definição de José Agostinho. O grande panfletario adivinhava instinctivamente o que seria o Parlamento na nossa terra...

O actual Parlamento demonstra-nos evidentemente que por maior boa vontade que haja em o tornar util á Nação, o Parlamento nunca pode deixar de ser... uma casa de orates...

Senão, vejamos em que se entretem os membros da maioria. Passam uma sessão a discutir se os secretarios são ministros ou secretarios...

E o país que estale de fome... E o nosso futuro que nos apareça cada vez mais negro, sem que s. ex.ª se preocupem com isso, porque... teem mais em que pensar!

São unicos... E depois digam-nos que não tem razão o nosso anti-parlamentarismo!...

ATLAS

Companhia de Seguros

SEDE:—Rua do Crucifixo, 49

A resposta da demagogia

Chegam-nos noticias de uma tentativa de assalto ao jornal *Patria* que tão briosamente tem sabido defender no Porto a causa da Monarquia.

E' assim que os demagogos respondem á nobre atitude do sr. Pereira de Sousa, que num brilhante artigo repudiou vigorosamente a doutrina da *justiça popular* — aplicada a quem quer que seja! E' assim que eles respondem ao nosso desassombro e á nossa imparcialidade.

Ao sr. Pereira de Sousa e ao nosso colega portuense a certeza do nosso indignado protesto.

E, assim como pedimos o maximo rigor para os assaltantes d'*A Montanha*, queremo-lo tambem para aqueles que tentaram assaltar o nosso intemerato colega.

E quem sabe se os auctores serão os mesmos?...

Dr. Weiss de Oliveira

A apresentar-nos os seus cumprimentos de despedida esteve nesta redacção o nosso presado e ilustre amigo dr. Weiss de Oliveira, que sái brevemente para Cauterets em tratamento da sua saude. Desejamos ao dr. Weiss de Oliveira uma cura completa, significando-lhe mais uma vez quanto o prezamos no seu belo espirito e na sua admiravel fé patriotica.

Transcrições

O nosso prezado colega *Situação* transcreve hoje o suelto publicado ontem no nosso jornal, sobre o tardar do natal da republica.

Apesar de vir extraordinariamente gralhado e com omissão de muitos pontos interessantes, agradecemos a gentileza da transcrição.